



UNICAMP

P14.17

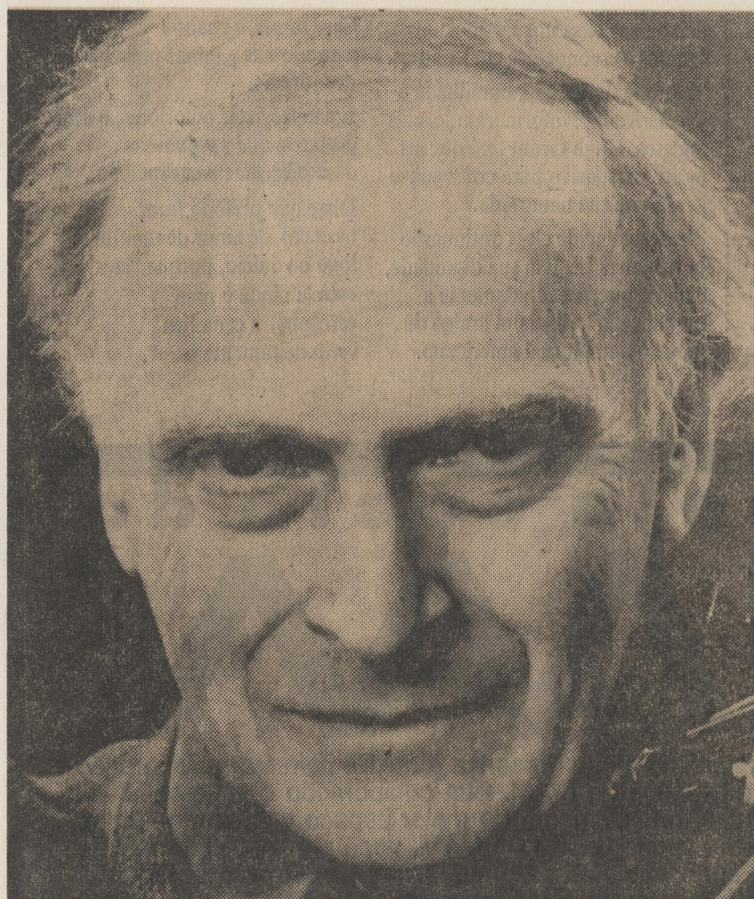
EVENTO: Yehudi Menuhin no Rio

VEÍCULO: JORNAL DO BRASIL

DATA: 29 jun 95

PÁGINA: B-3

SEÇÃO: CADERNO B



Menuhin festeja 50 anos da ONU com concerto no Municipal

Lord Menuhin rege no Rio

O violinista e maestro volta ao Brasil para concerto com a Royal Philharmonic londrina

VICTOR GIUDICE

Quem for ao Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 8 de julho, às 21h, vai ver muito mais do que a Royal Philharmonic de Londres, uma das maiores orquestras do planeta, dando um concerto em comemoração ao cinquentenário da ONU. O espectador verá também uma das figuras mais emblemáticas do século 20, o violinista e maestro Yehudi Menuhin, um dos raros homens de sucesso de nossa geração a merecer o título que lhe foi outorgado pela Inglaterra: Lord Menuhin.

Atualmente, Lord Yehudi Menuhin, cidadão norte-americano, suíço e inglês, é uma das figuras mais representativas de sua época. No Rio, sob o patrocínio da Dell'Arte e Manari, e com o apoio do **JORNAL DO BRASIL**, Yehudi Menuhin vai reger a *Sinfonia 40*, de Mozart, a *Novo mundo*, de Dvorak, e *Uma abertura para ONU*, de Mawell Davies.

Yehudi nasceu em Nova Iorque em 1916, e, em 1923, já se apresentava em São Francisco, diante de uma plateia estarecida, solando ao violino a *Symphonie espagnole*, de Lalo. Para quem não sabe, Lalo é o autor do prefixo musical das *Atualidades francesas*, jornal cinematográfico apresentado no Brasil, nas décadas de 40, 50 e 60. Em 1927, Menuhin estreou em Paris, nos *Concerts Lamoureux*, sob a direção do célebre Paul Paray. Nessa época, travou conhecimento com George Enesco, grande compositor e violinista romeno, autor das popularíssimas *Rapsódias romenas*. A influência de Enesco foi decisiva para Menuhin. Em 1928, aos 12 anos, fez sua estréia com a Filarmônica de Berlim, numa apresentação histórica dos *3B*, os concertos para violino de Bach, Beethoven e Brahms.

Dai em diante, as gravações de Menuhin, em discos de 78 rotações, dominaram as vitrolas. Nos anos 40, não havia quem não comentasse os feitos do jovem violinista Yehudi Menuhin, cujo perfil de anjo grego se tornou uma espécie de marca registrada de sua personalidade. Durante a Segunda Guerra Mundial, Yehudi deu quase mil concertos na frente de batalha para os solda-

dos aliados, em colaboração com a Cruz Vermelha. Foi o primeiro sintoma de que suas atividades não se limitariam à música. Foi ele quem defendeu o grande maestro Wilhelm Furtwangler das acusações de ter mantido seu trabalho frente à Filarmônica de Berlim, durante o nazismo. Em 1954, na reabertura dos festivais de Bayreuth, Furtwangler rendeu uma homenagem a Menuhin.

Em 1952, durante uma visita à Índia, atendendo a um convite de Nehru, Yehudi entrou em contato com novos pensamentos religiosos que o influenciaram em suas ações futuras. A partir do final da década de 50, Menuhin, já responsável por uma discografia violinística de alta qualidade, sem falar na quantidade, começou a abordar a carreira de maestro. Fundou festivais na Suíça, foi diretor artístico do Festival de Bath, onde criou uma excelente orquestra com a qual efetuou diversas gravações, na função de maestro. Paralelamente, lutou pela liberação de músicos censurados pelo regime soviético. Rostropovich entre eles. Em 1970, recebeu o Prêmio Nehru, destinado aos que lutam pela paz mundial. Em 1972 se apresentou no Brasil pela primeira vez.